

GEOGRAFIA HUMANA.

POSIÇÕES DA GEOGRAFIA HUMANA — POR QUE GEOGRAFIA HUMANA?

PIERRE DEFFONTAINES

Em tradução brasileira da Profª Dora Amarante Romarz, oferecemos aos leitores uma interpretação filosófica de fatos da Geografia, de autoria do Prof. PIERRE DEFFONTAINES, fundador e sócio honorário da A.G.B., atual Diretor do Instituto Francês de Barcelona.

Geografia Humana, nome estranho e de singular audácia! Nenhuma outra ciência ousou atribuir-se um tal qualificativo, nem mesmo a história que não se intitula humana, embora tenha a seu lado uma história dita "natural".

Por que motivo, pois, a Geografia Humana procurou, mais do que as outras disciplinas, assinalar por sua própria designação suas relações com o que é "humano"? É que ela tem por domínio o estudo da obra dos homens sobre a Terra, do trabalho visível, tangível (paisagístico, diríamos como geógrafos), realizado pela caravana humana que se desloca na superfície do globo.

Após a aventura mineral, a vegetal, a animal, eis que surgiu sobre o nosso planeta um ciclo "humano". Cada um dos ciclos precedentes deixou suas marcas na paisagem terrestre, contribuiu para a conformação de sua superfície, para o seu revestimento exterior, que continua, aliás, a evoluir sob nossas vistas: foi o domínio da Geografia Física.

A última aventura, entretanto, a da Humanidade, revestiu a Terra de nova roupagem, por muito tempo, apenas leve e pouco perceptível. Esse novo ciclo, entretanto, assume cada vez mais um extraordinário valor, de alguns séculos para cá quase bruscamente mesmo, e de tal forma isso se verifica, que se poderia ser tentado a exagerar-lhe a importância se não fôsse o medo de sucumbir a um antropocentrismo inconsciente: desmedido orgulho dessa Humanidade diante de sua obra geográfica.

Começa agora a Terra a apresentar um revestimento verdadeiramente humano, uma paisagem devida aos esforços dos homens. JEAN BRUNHES já havia dito, em 1904, no seu primeiro Manual de Geo-

grafia Humana: "O domínio desta ciência é uma espécie de subtração entre o que teria sido a Terra sem o homem e o que ela é atualmente".

Este ramo da Geografia tem, pois, bem o direito de se intitular "humana". Legitimamente deve fazer parte dos estudos que constituem o Humanismo, apresenta-se mesmo como seu coroamento, encarregada, como é, de estabelecer o balanço material da obra humana, espécie de conclusão concreta das ciências do homem. Tornou-se, no momento, o nosso planeta realmente a "Terra dos Homens": não estará aí sua própria definição atual? No estado presente de nossos conhecimentos, não nos é possível assegurar; não existirão outras humanidades além da que habita a Terra? Na incalculável abundância dos corpos celestes, nosso globo foi o único onde emergiu o homem? Por esta simples questão pode-se avaliar a extensão de nossa ignorância!

O superpovoamento e os países-"pièges". — A espécie humana acha-se, portanto, presente na Terra, mas sua aparição sobre esse astro é recente — menos de um milhão de anos sem dúvida alguma —, pouca coisa em relação aos tempos geológicos que a precederam. Geograficamente falando, os homens apenas acabaram de chegar e a nossa Geografia Humana nada mais é, provavelmente, do que uma geografia incipiente. Durante dezenas, e mesmo centenas de milhares de anos, o efetivo humano foi mínimo e apenas ocupava porções muito restritas e descontínuas dos continentes.

Foi apenas desde o Neolítico, há cerca de uns dez mil anos, que começou a surgir o problema do superpovoamento. Até então, não se cogitava do espaço vital: a Terra apresentava-se à Humanidade como uma superfície indefinida, uma ilimitada planície. Os homens ocuparam-na completamente, muito antes de tomar conhecimento de que ela era um corpo limitado e que, fatalmente, aí teriam que se disputar um lugar. Pobre Terra, de horizontes aparentemente sem limites, mas que a realidade reduziu a uma esfera da qual se pode fazer a volta. Ah! se fôsse o nosso mundo ilimitado, como antes o parecia, a Geografia do povoamento se teria apresentado sob forma bem diversa.

O débito de homens continuando a ampliar-se, ao mesmo tempo em que sua velocidade de escoamento tornava-se cada vez mais lenta, em consequência do progressivo alongamento da duração de vida, a camada humana espessava-se. Estranhas diferenciações se formavam; países sobrecarregavam-se de indivíduos. Poderiam estes, sem dúvida, ter emigrado, estabelecido, mas a solução simplista de descarregar em outras zonas o excesso de algumas, revelou-se complexo e freqüentemente irrealizável. A emigração é uma solução de luxo.

Quantas regiões transformaram-se em países-“pièges”, segundo a tão dramática expressão aplicada às ilhas de Cabo-Verde por ORLANDO RIBEIRO. Muitas ilhas tornaram-se verdadeiras armadilhas, onde a população continua a crescer sôbre si mesma, perigosamente e em regime de fome. Infelizmente, não foram apenas ilhas que se transformaram em “pièges” de densidade humana; o superpovoamento verifica-se nos mais variados lugares: montanhas (Cabília), deltas (Bengala), litorais (Bretanha ou Noruega), alagadiços (Baixo Tonquim), oasis em desertos. Alguns países viram-se sobrecarregados, apesar de sua infertilidade e de sua hostilidade, pois serviram de refúgios, daí lhes resultando um povoamento além de suas possibilidades.

O crescimento constante e cada vez mais rápido do efetivo humano, não fará com que a Terra tóda se transforme numa vasta armadilha para a humanidade? Ela nada mais é do que uma grande ilha no espaço, não apresentando à Humanidade, em plena expansão, senão a limitada superfície da esfera. JEAN BRUNHES já havia falado de “nossa prisão terrestre” e, apesar dos atraentes progressos da astronáutica, não parece que estejamos prestes a dela poder escapar, pelo menos durante a nossa vida que, aliás, por isso mesmo, designamos de “vida terrestre”.

O débito de homens. — As etapas da evolução humana não se apresentaram com a mesma duração em tôdas as regiões do globo: o grau de humanização destas é variável, em função da quantidade de homens que por elas já passou, o que se poderia chamar de “débito de homens”. Os países apresentam paisagens bem diversas, segundo tenham suportado uma longa e maciça ocupação humana, ou seja ela recente ou ainda difusa. A proporção das superfícies construídas pode variar do mais simples ao mais complexo: uma estatística, baseada na cobrança de taxas prediais, revela que quase a metade dos edifícios em França tem mais de um século de existência, tendo sido planejados e construídos antes de tôdas as atuais descobertas. Torna-se indispensável, pois, em Geografia Humana, dar o devido valor ao coeficiente relativo ao passado.

A título de exemplo, tentamos medir o “débito de homens” num determinado ponto da Terra. O Egito, com seus quatro mil anos de civilização antiga, em condições de exploração sensivelmente análogas, pareceu-nos permitir algumas avaliações orientadoras. Parece que se pode atribuir ao vale do Nilo uma população média de, aproximadamente, cinco milhões de habitantes, o que dá um “débito humano” de, pelo menos, quinze a vinte milhões de homens por século, tendo em vista a curta duração de vida de então. Chegarse-ia, portanto, perfeitamente a uns setecentos milhões para os

quatro mil anos da antiguidade, aos quais seria necessário adicionar os dois mil anos de nossa era e todos os imensos períodos pré-históricos, nos quais, é bem verdade, a população era muito mais disseminada. Obter-se-ia, então, no total um número que ultrapassaria o milhão para essa estreita faixa do Nilo, o que representa uma densidade de "débito humano" de mais de cinqüenta mil homens por quilômetro quadrado. Por essas cifras, pode-se fazer uma idéia da ação que a caravana humana pode exercer em determinadas paisagens da Terra.

Desgaste ou enriquecimento da Terra pelo homem. — Tratar-se-á de um desgaste, diríamos nós em Geografia, de uma erosão humana? Provocaria a espécie humana uma degradação da Terra conduzindo-a a um fim mais rápido? Os geógrafos alemães criaram uma palavra muito expressiva para designar as economias baseadas na degradação da natureza, a "Raubwirtschaft", e JEAN BRUNHES em sua *Geografia Humana* reservou um capítulo especial aos fatos humanos de degradação. Tudo isto estabelece um grave problema: somos nós responsáveis pelo nosso planeta? Dêle teremos de prestar contas seja à própria caravana humana, seja ao Criador? Existirão pecados geográficos?

Apenas a partir de nossos dias é que o homem parece haver tomado consciência de suas responsabilidades terrestres: começa a inquietar-se de uma excessiva humanização de seu planeta. Seu poderio, inteiramente recente, lhe fez nascer um remorso, até então desconhecido, pondo-se êle agora a criar reservas naturais e parques nacionais para garantir, contra si próprio, recantos da natureza. Estranha e quase retrógrada atitude: conservar míseros testemunhos da natureza, resguardar superfícies privadas da Geografia Humana, como se a Humanidade aí ainda não tivesse aparecido.

Exame de consciência geográfico. — Experimentemos, o mais imparcialmente que nos seja possível (o que é, evidentemente, difícil, sendo-se juiz e interessado), estabelecer um julgamento sobre a ação empreendida pelos homens na superfície da Terra: resultará daí um balanço positivo?

Observemos, em primeiro lugar, que é ao homem que a Terra deve sua variedade de detalhes. Embora apresentassem os continentes muitas diversificações, não passavam êles de vastas divisões, pouco individualizadas, sobretudo zonas climáticas ou vegetais, como o que ainda se verifica, principalmente nas áreas pouco humanizadas. São estas portadoras de designações bastante imprecisas quanto à localização: o *sertão* brasileiro, o *pampa* argentino, a *taiga* russa, a *tundra* finlandesa, o *llano* venezuelano. A múltipla variedade dos

pequenos países não se pode desenvolver senão nas zonas de antiga e densa humanização. São ainda poucas, aliás, as regiões da Terra que tenham chegado a êsse estado de diversificação, *estágio de países* poder-se-ia dizer; a maior parte da Europa Ocidental e Mediterrânea, muitas regiões do Extremo Oriente, a isso chegaram. Em algumas regiões novas vêem-se já surgir algumas paisagens diversificadas que, por vêzes, adquiriram nomes de países. No Canadá francês, por exemplo, começa a se personalisar uma Beauce, um Charlevoix, um Beaupré; não somente surgiram êsses "países" de uma grande e monótona floresta que os recobria, mas também, o próprio homem, por um justo retôrno, foi influenciado pelo meio. Transformou-se nesse trabalhador da terra a quem, com tanta justeza, chamamos de "paysan", quer dizer um criador de paisagens, um "habitante" como, tão expressivamente se diz no Canadá.

Nada de semelhante existe nos países mais novos, onde o homem ainda não teve êsse longo contato com seu pedaço de terra. Os nomes de países reclamam para aparecer, não só unicamente diferenciações físicas, mas, também, êsse colóquio, íntimo e prolongado, de várias gerações, entre os homens e os solos.

Os homens, progressivamente, provocaram o aparecimento de vocações peculiares a cada porção de terra, não só às que foram mais ocupadas e utilizadas, mas, realmente, aquelas às quais puderam precisar as funções, paisagens humanas correspondendo às suas virtualidades, quase sempre mais belas do que uma paisagem puramente selvagem em que cada elemento ainda não encontrou sua posição.

Como que disciplinadamente, o homem expandiu-se pouco a pouco pela Terra, assim participando de uma realização de beleza e de arte: os solos transformaram-se em campos, das pedras resultaram obras de arquitetura, das madeiras, esculturas, outras perspectivas foram aproveitadas. As margens do Sena, em Paris, são hoje certamente mais perfeitas, do ponto de vista da estética, do que as antigas ilhotas pantanosas. A Terra enriqueceu-se de numerosas pirâmides, acrópoles, catedrais, palácios, cidades, casas, pontes e barragens. A Humanidade provocou uma fermentação na paisagem da Terra, iniciando um surpreendente ciclo.

O sindicato dos homens. — Não teríamos o direito de falar de "sindicato dos homens", encarregado de uma transformação da Terra, visando melhorar as condições humanas? Quantos progressos físicos, geográficos, foram realizados por conquista, tão importantes por vêzes, que não mais sabemos lhes medir o valor, de tal forma nos parecem êles naturalmente adquiridos. Primeiramente a conquista do fogo: início de tôda fôrça e de tôda luz, o fogo tor-

nou-se o companheiro inseparável da Humanidade. Nos mais antigos depósitos pré-históricos percebe-se a presença do homem pelos traços do fogão: êste apenas está presente quando o homem existe.

Um pigmeu da floresta do Gabão, a quem se tentava demonstrar que êle não era um homem, em defesa de sua condição de criatura humana, simplesmente respondeu: "mas eu sei fazer fogo" (anedota contada por MONSENHOR LEROY).

Pela madeira foi que o homem obteve o fogo. Entre certos povos primitivos, a madeira denomina-se mesmo "o que contém o fogo", noção fundamental e que pertence exclusivamente ao sindicato dos homens. Uma outra, igualmente importante acompanha-a: o homem reconheceu que essa madeira que produz o fogo supera também a água — dos corpos sólidos é o único a ser mais leve do que o líquido. Já tiveram ocasião de observar o espanto das crianças que, jogando água tudo o que podem, verificam que apenas a madeira não afunda? Assisti um dia a essa sensacional descoberta por uma criança e, naturalmente, procurou ela renovar o mais possível a sua experiência (correndo o risco de ser castigada pelos adultos).

De tal forma, tornou-se o homem ciente, desde o início, que a madeira o tornava senhor de dois grandes elementos inimigos entre si — a água e o fogo —, descoberta essa de incalculáveis consequências. Revelou-se essa madeira um tal aliado do sindicato dos homens que, freqüentemente, adquiriu um valor místico: quantas árvores se tornaram sagradas? Os antigos templos budistas do Japão são construídos de madeira, único material digno da Divindade. E que dizer da religião cristã? Como não se deixar impressionar pelo papel representado pela madeira? Ela é que foi trabalhada pelo Filho do carpinteiro José, ela que foi associada à obra da Redenção e não a pedra ou o ferro. "Dulce legnum" diz o cântico da Redenção de Páscoa, assinalando assim essa singular associação da Divindade ao sindicato dos homens!

Em prosseguimento, quantas outras aquisições! A utilização ou domesticação pelo homem de certos elementos naturais, conferiu a êstes uma nova força, como que um renascimento; espécies vegetais e animais, selecionadas e transformadas, tornaram-se extraordinariamente poderosas e conquistadoras. Se fôr feito um retrospecto da história do arroz — simples planta aquática, do trigo — pequena gramínea da estepe, ou da história do porco ou da galinha, ficar-se-á admirado pela extraordinária aventura que foi para essas espécies a intervenção humana.

Quantas disposições foram tomadas por êsse sindicato dos homens para assegurar uma condição superior! Não somente quanto às descobertas como, também, à instituição de regulamentos para restringir os perigos das liberdades individuais, desde os regula-

mentos de caça, até os princípios de Direito e de Moral. Tratava-se de diminuir as dúvidas e inseguranças que rodeavam e ameaçavam a caravana humana em marcha sobre a Terra, principalmente os "petites gens", que constituem o que denominamos, à semelhança de JEAN BRUNHES, "a semente fundamental do povoamento", efetivo geográfico da Humanidade, abandonado às instabilidades, homens que suportam tôdas as devastações, colonizações e emigrações, pioneiros por destino e para os quais voltar-se-ão os geógrafos com interesse e especial simpatia.

Não há dúvida de que êsse sindicato agiu freqüentemente sem unanimidade, nem mesmo acôrdo: "Homo homini lupus". Estamos ainda muito distanciados dessa fraternidade que a Geografia Humana reclama, esta ciência sendo constituída pela soma de todos os esforços individuais, a maior parte das vêzes, pequenos progressos anônimos, devastações, construções, trocas... Todo entrave ao trabalho comum, todo obstáculo na fraternidade geral, assinala um enfraquecimento na obra geográfica dos homens. O geógrafo sonha com um comportamento mais coletivo, reservando embora inteiramente o valor individual, pois é êle que, em última análise, confere à espécie humana a força de seu espírito, fator essencial de seu progresso.

Papel geográfico das dificuldades. — Quais foram os principais estimulantes dêsses progressos? Poderíamos ser tentados de aí ver, sobretudo, a ação de determinados indivíduos de espírito criador, animados de fraternidade, homens-etapas como foram denominados por TEILHARD DE CHARDIN, que provocaram verdadeiros saltos na curva do ciclo humano. O responsável, porém, é um fator mais geral, que foi e ainda permanece, como causador dos progressos — são as dificuldades. Benditas dificuldades, ser-se-ia por vêzes tentado a dizer, pois destruíram imobilidades e suscitaram os menores esforços.

A primordial e típica dificuldade da Terra foi a da alteração estacional dos climas, os rodízios anuais, as inclemências. Nosso planeta apresenta, com efeito, essa singularidade de uma inclinação de seu eixo de rotação em relação ao plano da eclítica. Essa inclinação, bastante sensível, da ordem de 23°, impediu que a Terra se tornasse burocrática, com um Sol sempre pontual em seu despertar e em seu deitar... Os dias e as noites jamais têm a mesma duração no decurso de um ano; tôda a vida climática, e portanto a vegetal e a animal, manifesta-se em cada estação: queda de fôlhas, hibernações, extensas migrações animais... Para a espécie humana, a luta contra os invernos foi, sem dúvida, uma das primeiras frentes de batalha, ainda mais que ela não se achava nas melhores condições de resistência, já que sua epiderme não constitui um bom isolante.

Esse rigor estacional das temperaturas fez-se sentir de tal forma sobre os homens que, ainda hoje, explica uma parte das anomalias da repartição das densidades, especialmente essa estranha acumulação dos homens nas bordas dos continentes, nas vizinhanças dos oceanos, tanto no extremo ocidente quanto no extremo oriente. Existem, atualmente, no Velho Mundo, mais de dois mil milhões de homens, mais de três quartas partes da Humanidade, repartidas em duas áreas litorâneas e separadas por imensas zonas continentais de população rarefeita. Ora, as mais baixas taxas de povoamento, no interior das terras, correspondem às zonas de máxima amplitude de temperatura estacional, quer dizer, aos mais rigorosos invernos.

Esta anormal repartição dos homens, que os confinou aos bordos de seu domínio, transformando-os em habitantes da orla marinha, é a consequência de uma adaptação passiva, de uma submissão ao obstáculo do clima. Felizmente, tiveram os homens, muitas vezes, posições inversamente dinâmicas: constitui um dos capítulos mais surpreendentes da Geografia Humana o estudo das múltiplas providências e precauções imaginadas pelos diferentes grupos humanos para resistir aos invernos. As inclemências condicionaram numerosas formas de "habitat", tipos de aquecimento, dispositivos dos vestuários; impuseram variadas previsões de alimentação, de combustíveis, de trabalho. Encontram-se elas, sem dúvida, na origem de todas as políticas de previsões que caracterizam tão particularmente determinados povos. Além dos invernos, muitas outras dificuldades intervieram para excitar a engenhosidade dos indivíduos e incentivá-los ao progresso.

A dificuldade representou uma rude escola para a Humanidade. O geógrafo FLEURE, muito justamente, distinguiu as "zonas de dificuldades permanentes", que concentraram os progressos humanos essenciais, opondo-se às regiões de "facilidades contínuas" em que a estagnação, a rotina, até mesmo, a decadência, se desenvolvem com mais facilidade.

Fica-se surpreendido pelo papel desempenhado pelas zonas de hostilidade, que constituíram, para os homens, locais de educação de esforços e de incentivo para as invenções. Por vezes mesmo, conferiram aos grupos humanos, que aí viviam, uma espécie de primazia, permitindo-lhes expansões e invasões bem sucedidas. É bem conhecido o papel desempenhado pelos desertos e pelas áreas que se acham em suas bordas: inúmeros progressos e conquistas têm como domínio original as estepes e os desertos da Ásia Central ou do Médio Oriente; o próprio Saara contribuiu, sem dúvida, no fim do Neolítico, com elementos muito úteis para os países mediterrâneos.

A influência das montanhas foi também, sem dúvida, de grande importância — emigrações, exportações, invenções, dominações: basta lembrar o Império dos Incas, cujo núcleo de origem se localiza a cerca de quatro mil metros de altitude. Numerosas planícies viram-se constantemente reabastecidas pelas montanhas circundantes: a planície do Garona, após cada um dos períodos de devastação que freqüentemente perturbaram sua história, foi sem cessar repovoada por gente da Auvérnia, do Limousin e dos Pireneus. Foram estes povos que forneceram os efetivos de *sauvetes* do século XI e de *bastides* do século XIII. A planície do Pó foi povoada por piemonteses e também por bergameses; ainda atualmente o delta do Ebro acaba de ser colonizado por habitantes do maciço de Maestrazgo ou das altas terras do Teruel. O movimento de descida da montanha é bem mais natural que o de subida, e tudo ocorre como se dessas elevadas regiões de vida difícil se tivessem enxameado os habitantes para as baixas, de vida mais fácil. Quantas montanhas constituíram fontes de emissão de homens: Cabília, Atlas Marroquino, Líbano, Auvérnia, Savoia, Cachemira, País Basco.

Função pioneira dos mediterrâneos. — As atitudes dos homens frente às dificuldades revelaram-se, entretanto, singularmente variáveis. Ao lado dos ramos humanos orientados para a atividade e o progresso, houve outros que adotaram comportamento de passividade e apatia. As mais importantes zonas de dinamismo humano aparecem grupadas em torno dos mares semi-fechados a que denominamos “mediterrâneos”, zonas fisicamente bastante instáveis, em que as fossas marítimas acham-se nas vizinhanças de relevos elevados, o vulcanismo e a sismicidade são particularmente densos, o relêvo apresenta-se muito fracionado, as ilhas e penínsulas são numerosas. Não quer dizer, entretanto, que essas zonas tenham abrigado as mais antigas raças humanas; sua pre-história é mesmo menos rica do que alhures, mas foi aí que começou a História. Aí, pela primeira vez, saíram as civilizações do primitivo anonimato; aparecem as mais antigas formas de escrita: os primeiros nomes de povos, lugares e pessoas nos são transmitidos com mais de um milênio de precedência. Aí se instalaram as mais antigas cidades e os primeiros organismos políticos que se conhecem. Aí, igualmente, se elevam os mais antigos monumentos verdadeiramente arquitetônicos — pirâmides e templos foram construídos desde o quarto milênio antes de nossa era, dois mil anos antes das construções em outras regiões. Foi aí que se iniciou a história da arquitetura e onde, muito remotamente, foi inventado o arco, origem de todos os estilos.

Fica-se admirado do impulso tomado, nessas regiões, por todas as manifestações do espírito humano. Tanto em literatura quanto

em filosofia, na religião, na arte, no direito, na ciência, o Mediterrâneo constituiu o ponto de partida, *verdadeira frente pioneira do intelecto humano*, que trouxe para a caravana humana prodigiosa quantidade de gênios criadores e de obras de arte. Se fôsse possível traçar um mapa da densidade das grandes obras humanas, a zona Mediterrânea ocuparia, folgadoamente, o primeiro lugar. Notável é a nomenclatura de cidades célebres ao seu redor: Tebas, Menfis, Atenas, Alexandria, Cartago, Roma, Siracusa, Constantinopla, Veneza, Córdoba, Marselha, etc.

Estranho paroxismo humano nessa região mediterrânea, aliás tão pequena, pois em área não representa a quinquagésima parte da superfície do globo. Foi em tórno dela, entretanto, como se a mesma constituísse um centro, um ponto de partida, que se organizou o primeiro reconhecimento da Terra pelos homens, como se o resto (as quarenta e nove outras partes) não passassem de meras dependências. Em tórno dela nascem os continentes: Europa, África e Ásia que, de início, constituíram apenas simples margens dêsse mar.

Como não se mostrar surpreendido ao descobrir nesse outro mediterrâneo — o mar dos Caraíbas ou das Antilhas, uma antigüidade humana proporcionalmente análoga em relação ao Novo Mundo? Aí apareceram, igualmente, as mais antigas organizações políticas do continente americano, as mais antigas cidades, os mais antigos e maiores monumentos pre-colombianos, pirâmides e templos, como no Egito. Aí mantiveram-se até o início do século XIX as mais prósperas explorações européias. Em 1789, Nova York apenas contava com 16 000 habitantes, quando México ou Cartago das Índias possuíam mais de cem mil. Como explicar êsse curioso privilégio dêsse mares entre terras e de suas circunvizinhanças? Contentemo-nos em assinalar a associação do poderoso dinamismo físico a um não menos violento dinamismo humano.

O homem é a única riqueza. — Entre as dificuldades que afligem o homem, tendo-lhe servido de incentivo, uma existe que não é proveniente do ambiente externo, mas sim decorrente da própria extensão da espécie humana. A pressão demográfica dos homens na Terra torna-se, em nossos dias, uma preocupação cada vez maior. Transformar-se-á êsse novo risco igualmente numa causa de progresso, à semelhança do que ocorreu com as outras dificuldades? perigo ou vantagem do número?

É preciso que seja de início lembrado que a longa estagnação da caravana humana durante as centenas de milênios da pré-história é explicada, apenas, pela fraqueza numérica do efetivo do povoamento. Enquanto numa Humanidade pouco numerosa, os homens-gênios, capazes de provocar os progressos, são raros e permanecem

sem repercussão, numa Humanidade mais densa os indivíduos de elite multiplicam-se e, sobretudo, sua irradiação torna-se mais benéfica. O adensamento dos homens foi causa de exaltação, a massa humana, ampliando-se, adquire fôrças de tóda natureza, tanto técnicas quanto especulativas, precipitando o progresso.

Algo de imenso surgiu no mundo com as descobertas que se acham associadas à avalanche humana destes últimos séculos; ainda agora a máquina e os automatismos acham-se a ponto de liberar no homem largos potenciais de pensamento e descoberta; talvez uma nova energética humana esteja a ponto de surgir; horas vagas, diríamos, mas é possível prever que êsses acréscimos de tempo orientar-se-ão, cada vez mais, para os horizontes da reflexão ainda tão pouco explorados.

Pode-se pressentir que a era do trabalho hierarquizado vai ser ultrapassada; os progressos surgem já tão rapidamente que faltará tempo para realizá-los em série; entraremos, ao que parece, na época dos monotipos, forma atualizada da antiga economia artesanal.

O problema da proliferação impõe-se, pois, de maneira bastante especial, para a espécie humana: ao contrário das outras espécies vivas, entretanto, é impossível levar em consideração apenas o acréscimo numérico. Cada indivíduo não é um simples ser vivo, mas, também, um ser que pensa; com os homens, a Terra se carrega não somente de matéria biológica, mas, igualmente, de fôrças psíquicas. Uma nova densidade de espírito adiciona-se na Terra à densidade de vida, constituindo isso uma riqueza de que não nos é possível medir todo o valor e extensão, pois apenas acaba de tomar posse do globo; sentimos já que seu poder e sua eficiência aumentam mais rapidamente, sem dúvida, do que a progressão aritmética dos homens consegue se elevar. O homem é a única riqueza, diz-se: isso só é verdade porque êle é um ente pensante e assim deve continuar a sê-lo, cada vez mais. Como o escreveu TEILHARD DE CHARDIN, assistimos a uma elevação da Humanidade através dos homens e isso graças à sua multiplicação. Retomamos então o preceito: "Crescei e multiplicai-vos" que, evidentemente deve ter como corolário uma justa repartição do espaço e seus recursos. Infelizmente, sob êsse ponto de vista, forçoso é reconhecer que o sindicato dos homens está bem longe de um resultado satisfatório.

A marca do pensamento na paisagem geográfica. — De que somos nós encarregados sôbre esta Terra? Fomos apenas destinados a viver, ocupar, povoar, superpovoar mesmo, sustentar um elo da longa cadeia da caravana humana, à semelhança de milhares de seres de outras espécies vivas que também desenrolaram suas caravanas em batalhões cerrados no decurso dos imensos

tempos geológicos? Muitos desses seres alcançaram densidades bem mais elevadas do que as atingidas, atualmente, pelos homens, a ponto de, freqüentemente, acabarem por formar, com os seus depósitos, espessas camadas geológicas petrificadas de seus fósseis, contribuindo, assim, mais para a Geologia do que para a Geografia.

O homem acha-se bem longe desses estágios de proliferação — seus restos, seus fósseis, são ainda raríssimos. Seu papel para a Geologia é ínfimo, mas, ao contrário, introduziu no meio geográfico um elemento de tal forma perturbador que passou a efetuar uma verdadeira revolução paisagística da Terra.

Com êle emergiu sobre o nosso planeta um psiquismo até então desconhecido e ao qual designamos de *pensamento*, a “fabulação” diria BERGSON. TEILHARD DE CHARDIN fala mesmo de uma nova esfera que estivesse envolvendo a Terra, além da litosfera, atmosfera, hidrosfera e biosfera e à qual êle propõe chamar de *noosfera*.

PIERRE TERMIER já havia escrito, assinalando a importância desse “substratum”, que o maior acontecimento da história física do globo não era uma tal antecedência de continentes, um determinado movimento marítimo, ou um certo dobramento rochoso por mais violento que fosse, mas, sobretudo, o aparecimento, com o homem, do espírito e de suas intervenções, cada vez mais grandiosas no domínio físico.

Certamente o psiquismo existia bem anteriormente aos homens, mas não possuía uma ação real sobre a natureza. O psiquismo humano tem um tal poder, que é capaz de agir fortemente sobre a Geografia Física por meio de uma Geografia Humana cada vez mais onipotente. Esse novo psiquismo destinado, sem dúvida, a tornar-se o elemento essencial da transformação do globo, apareceu sem ruído e de maneira quase despercebida. Tratou-se de início apenas de alguns sinais de fogo, de alguns toques insólitos sobre pedras ou sílex, de alguns inexplicáveis cuidados para com os defuntos.

Esse domínio do pensamento permaneceu durante muito tempo sem ação sobre o físico, quase estagnado durante dezenas, talvez centenas, de milênios, do que se pode julgar pelos ínfimos progressos das técnicas da pedra durante a tão longa primeira era da Pré-história.

É, apenas, desde pouco tempo, alguns milênios, para locais privilegiados, e alguns séculos para os outros, que o espírito humano encheu a Terra com sua eficiência. As conquistas progressivas de energias latentes são inteiramente recentes e cada descoberta trouxe em si o “élan” dos homens, como uma ruptura de declive e uma retomada de atividade e de poder, rejuvenescendo todo o ciclo humano. Não foi o homem que transformou a Terra, mas sim o seu pensamento.

O homem, êsse insubmisso. — São os homens, assim, encarregados essencialmente sôbre a Terra de aumentar a parte pensante, de expandir a noosfera, diria TEILHARD DE CHARDIN. Qual é o resultado concreto, paisagístico de um milhão de anos de pensamentos? É aí que reside a grande originalidade da Geografia Humana: a de traçar em definitivo o papel paisagístico, visível, do pensamento; é a diferença principal entre essa geografia da espécie humana e as geografias que também, legitimamente, poder-se-ia fazer para as outras espécies vivas — uma geografia das abelhas, das formigas, das andorinhas, dos elefantes.

Existe, entretanto, uma larga parte de determinismo na Geografia do Homem, assinalando uma certa submissão às condições naturais, mas só muito raramente poder-se-á falar de determinismos estreitos e absolutos, como de fatalidades, mas sim essencialmente de orientações de possibilidades — essa submissão passa sempre por uma interpretação psíquica, é submetida a um raciocínio. Além disso, cada vez mais em nossos dias, os fenômenos de insubmissão tendem a levar vantagem, a Geografia Humana transformando-se numa geografia de dominação.

Os paradoxos dos fenômenos humanos são, sem cessar, flagrantes. Em Geografia Urbana, por exemplo, não são tantas as cidades que aceitam sítios favoráveis, quantas as aglomerações que se localizam em pontos cheios de dificuldades, haja visto a inumerável família de cidades em pontos elevados, por vêzes quase inacessíveis, ou cidades de lugares alagáveis, instaladas na insalubridade. Tão curiosas são essas instalações humanas que só é possível compreendê-la fazendo intervir os fatos espirituais. Já foi freqüentemente demonstrado que o mapa de repartição da vinha é condicionado por fatos religiosos: interdição de uma religião — a muçulmana, que eliminou essa planta de seu campo de predileção, enquanto que uma outra — a cristã — tomava êsse arbusto, de certa forma, sob a sua proteção, pois que êle permitia celebrar o sacrifício da missa. A geografia da habitação, capítulo-mór da Geografia Humana, está cheia de anomalias geradas principalmente do psiquismo. Por que em determinadas regiões utiliza-se a casa de rez-do-chão, com um contato direto do homem com a terra, enquanto que em outras, afasta-se êsse contato, como se a terra fôsse uma inimiga e instala-se o alojamento no primeiro andar, com a introdução de uma escada, por vêzes monumental, oposição esta que se verifica, por exemplo, entre as habitações de Quercy e do Agenais, que, no entanto, se acham submetidas às mesmas condições de clima.

O fator religioso na Geografia. — A luta contra a natureza é a única a levar em consideração a atividade geográfica dos homens. Há domínios geográficos que se afastam, de muito, do

físico. Há, por exemplo, uma inscrição na paisagem geográfica do problema da morte que, na Terra, somente os homens foram levados a se propor; quase sempre os que não mais existem ocupam ainda um lugar no solo, considerável por vezes, e isto desde tempos imemoriais. De algumas civilizações mesmo, só se tomou conhecimento através de suas atividades funerárias: a Geografia é mais uma geografia dos mortos do que dos vivos.

Ainda há, porém, algo de mais estranho: o pensamento humano volta-se para domínios ainda mais afastados desta Terra onde ele evolui; interessa-se pelo sobrenatural, por um ser invisível e sobrenatural, a divindade, para a qual executou, sem dúvida, o maior esforço construtivo. Não existe, com efeito, nenhum personagem, por maior que seja, um Alexandre ou um Napoleão, para o qual os homens se tenham dedicado a um tão elevado grau. Todos os estilos, todos os materiais, todas as imaginações, foram dados como contribuição, em todos os tempos e em todos os lugares, para esse Ser que não é deste mundo e que, paradoxalmente, por causa do pensamento humano, transformou-se no principal habitante geográfico da Terra, quer dizer, o que possui o maior número de habitações.